

Em Nome da Ordem

Os Cavaleiros Da Figueira

Coleção .amphibia

Em Nome da Ordem

Os Cavaleiros Da Figueira

Norberto Horta

SIMON'S BOOKS

CAPÍTULO I

A luz do nono dia do mês de setembro do ano da Graça do Senhor de Mil Quinhentos e Quarenta e Seis estava a findar-se. O problema no casco do barco, que deveria aportar em Santa Margarida do Sádão, não estava nos planos de Mestre João da Piedade. Tinha sido obrigado a desembarcar mais a norte, em Porto Carvalho. A viagem estava a fugir bastante ao que tinha planeado. Primeiro foi seu companheiro de viagem, Diogo Mendes, que subitamente sentiu uma forte indisposição acabando por desembarcar em Alcácer juntamente com o pajem que os acompanhava. Agora, poucas léguas a sul, surge este problema com o barco. Apesar do sol já estar a perder a sua força, o calor que emanava conti-

nuava a incidir nas costas do Mestre, perseguindo-o como se fosse uma fogueira. Há muito que o cantil estava seco. Trovão, outrora o veloz cavalo que há largos anos o acompanhava, já tinha sido derrotado pelo calor das terras de Além Tejo. O suor corria-lhe pelo dorso, e a boca aberta sem conseguir segurar a baba deixava-o mais desidratado. Era impensável chegar ainda à vila de Ferreira. Além do cansaço, arriscar uma viagem noturna com sede e fome não era boa ideia. O Grão-Mestre da Ordem Militar de Santiago da Espada era Dom Jorge de Lancastre, filho ilegítimo de Dom João II, irmão por afinidade do falecido Dom Manuel I que chegou ao trono por ter sido adotado pelo Rei. Dom Jorge teve sempre uma excelente relação com o atual detentor da coroa, Dom João de Portugal, relacionando-se mesmo como tio e sobrinho. O Grão-Mestre havia informado João da Piedade que, numa visita que tinha feito àquelas terras há mais de trinta anos, tinha ficado hospedado numa pequena estalagem num lugar chamado Figueira, légua e meia antes da vila de Ferreira. Eram esses os seus planos. Chegar a Figueira antes do pôr do sol, encontrar um sítio para comer e para passar a noite.

O vai e vem da sua capa ao vento protegia levemente as suas costas da fúria do sol que insistia em fustigá-lo. Tinham reduzido o passo da viagem, caminhavam agora num trote lento, temendo o pior para o pobre animal.

- Está quase, Trovão, já falta pouco, amigo... – disse o Mestre, afagando o pescoço molhado do cavalo.

Após transporem a frágil ponte de madeira sobre a Ribeira de Figueira, João já avistava os contornos, distorcidos pelo calor, da capela e de algumas casas da pequena povoação. Ainda conseguiriam lá chegar com uma réstia de sol. Ao entrar na povoação, esticou as costas e suspirou aliviado.

- Chegámos, amigo – disse o Mestre, puxando levemente as rédeas, para o animal findar a sua marcha.

Junto ao adro da capela, o cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada desceu do dorso do seu cavalo, afagando-lhe mais uma vez o pescoço ensopado de suor. Dirigiu-se à porta da capela e colocou o joelho direito no primeiro degrau:

- Obrigado Senhor, mais uma vez fui por Vós conduzido, concluindo com êxito mais uma viagem. Peço para que nunca me abandonais, dai-me forças

para cumprir as minhas missões, dai-me o discernimento para distinguir o bem do mal, o certo do errado e para escolher sempre o caminho correto. Guiai a minha espada como o tendes feito até aqui, sempre defendendo o bem, a Cruz que trago ao peito e o meu Rei. Obrigado Senhor, obrigado...

Benzeu-se enquanto se erguia e olhou em seu redor. As portas e janelas das casas envolventes à capela encontravam-se fechadas. Numa janela, semicerrada, pareceu-lhe ver uma mulher a esconder-se quando para lá virou o olhar. O cavalo Trovão procurava no meio de algum pasto seco uma ou outra erva mais viçosa para ver se lhe sugava a frescura. A pequena capela também estava fechada. A porta, de ferro e madeira escura, era contornada por tijolo, assim como os cantos do edifício. Por cima da porta, uma janela circular deixava entrar a luz do sol poente. Mais acima, um campanário com um sino de pequeno porte aguardava que alguém puxasse a corda que o fazia tocar. As ruas continuavam desertas. A presença da Ordem podia significar visitas, inquéritos ou impostos e, temendo tudo isso, as pessoas trancavam-se em casa. O Mestre

bateu firmemente à porta da casa mais próxima da capela, para pedir informações acerca da estalagem... apenas obteve o silêncio como resposta. Com o punho bem cerrado, bateu na porta seguinte. Ouviu umas vozes a sussurrarem do outro lado e por uma fresta na madeira conseguiu ver um pé descalço.

– Abra! Apenas quero saber onde fica a estalagem!
– disse com uma voz ríspida.

Pouco depois, fazendo algum esforço para arrastar a porta que arrojava no chão, um homem já de idade avançada e barba densa, respondeu:

– O estalajadeiro morreu há dois dias. Fala-se que é o filho que vem agora tomar conta do negócio, mas ainda não chegou.

– E não há outra? – perguntou João.

– Só em Ferreira. Lá há mais do que uma, mas agora com a feira devem estar cheias... – respondeu o homem.

O Mestre virou-se, olhando novamente para o sol, apenas com meio círculo laranja escuro à vista e umas ténues nuvens na parte superior, incapazes de esboçar qualquer sombra. Perante o silêncio do Mestre, o homem voltou novamente a fechar a

porta. João olhou ao ouvir o barulho da madeira a raspar o chão térreo, mas unicamente a viu fechada.

A norte, a pouca distância, avistou uma zona de árvores viçosas e uma pequena construção que aparentava ser uma fonte ou um poço. Mais longe, uma fila de árvores de grande porte serpenteava a planície, certamente com suas raízes banhadas pela ribeira que há pouco tinha transposto. Pegou nas rédeas de Trovão e, para não castigar mais o pobre animal, foram a pé até lá. Saíram do povoado e quando chegaram, depararam-se com cinco ou seis enormes figueiras com a copa a beijar o chão, e junto às árvores, um poço. Agarrou a corda que estava pendurada no seu interior, puxou, e os seus olhos brilharam quando viu que na ponta vinha um caldeirão a transbordar de água límpida e fresca. Pôs o recipiente à boca não se importando da água escorrer, molhando o seu peito. Depois, refrescou a cara e a cabeça. Encheu novamente o caldeirão e deu a Trovão. Enquanto o cavalo saciava a sede, olhou para as figueiras. Apesar de muitos figos já apodrecidos jazerem no chão, ainda havia muitos agarrados à sua mãe. Encheu novamente o caldeirão

ao cavalo e foi apanhar alguns para matar a fome.
Havia também muita erva fresca para Trovão.

- Bom, parece que estas figueiras vão ser o nosso
teto esta noite. Amanhã cedo, partiremos para Ferreira...

limpou a vista. Ainda a esfregar energicamente, Luís perguntou:

- E foi muito longe? Quantos dias de viagem?

O Mestre sorriu, continuando a olhar para parte nenhuma.

- Alguns meses.

- Meses?! – perguntou o jovem, incrédulo.

- Onde? Diga!

- Fiz parte da tripulação que chegou, recentemente, pela primeira vez ao Japão – disse o Mestre, sem euforia na voz.

- Onde fica o Japão? Fica no Brasil, não é? – perguntou novamente o jovem.

O Mestre, sorrindo, respirou fundo e preparou-se então para contar a história.

- Não. O Japão fica a oriente de Macau que, por sua vez, fica a oriente da Índia. Fiz parte da tripulação que chegou pela primeira vez àquele país, embora que, por engano. Foi a minha última grande viagem – respondeu o Mestre.

- Por engano? Como se faz uma viagem dessas por engano? – perguntou novamente o jovem.

- Sempre que se faz uma viagem, seja ela com o

intuito comercial, que era o caso desta, seja com o de descobrir novas rotas, as frotas de navios fazem-se sempre acompanhar da Ordem de Santiago da Espada, com o fim de proteger as cargas, a tripulação, e também para acompanhar os membros do clero que têm como missão espalhar o Nome de Cristo. Desta vez era uma simples viagem para trocas comerciais. Quinze militares da Ordem de Santiago, eu incluído, faziam guarda à longa viagem. Uma grande tempestade caiu sobre nós, empurrando-nos para uma costa vizinha. Com alguns problemas nas naus que precisavam ser resolvidos, não hesitámos em procurar refúgio numa pequena ilha, assim que a nossa vista a alcançou. Tendo a tempestade amainado, o comandante ordenou que se ancorassem as naus, e em pequenos botes, fomos até terra firme a fim de nos localizarmos e repararmos as embarcações. Pouco depois de termos desembarcado na praia, fomos cercados por um pequeno exército de homens armados com espadas. Em minoria, ficámos em círculo, deixando a tripulação e comandante incluídos no meio de nós, sob gritos impercetíveis da parte deles, e ali permanecemos firmes enquanto

o prior que nos acompanhava tentava, de joelhos no chão, comunicar com eles. As suas armaduras eram bastante mais complexas do que a nossas. Muito trabalhadas, grande parte delas diferentes umas das outras, mas todas igualmente intimidadoras. Por fim, o comandante da frota pediu-nos para baixar as armas e eu, a muito custo, ordenei aos meus homens que assim o fizessem. O Senhor da Aldeia apareceu por detrás do seu exército e dirigiu-se a nós. Um homem já velho, completamente careca, um bigode muito comprido e uma pera bifurcada compunham-lhe a cara. Após largos minutos de conversações por linguagem gestual e desenhos na areia, o velho ordenou a seus homens que baixassem as armas que até então se tinham mantido ameaçadoras. Nós, debaixo dos seus olhares atentos, guardámos as nossas e seguimo-los até à pequena aldeia. Transpostas as dunas, avistaram-se os campos cultivados e uma povoação com casas de madeira, telhados de quatro águas e com varandas cobertas. Ao meio do povoado, uma ribeira serpenteava por entre as casas e duas pontes em arco ligavam as suas margens. Nas zonas baixas, várias mulheres ceifavam

arrozais extensos que iam da margem direita da ribeira até à base da colina mais próxima. Tirando o início, até fomos muito bem recebidos. Deram-nos de comer, beber e ainda nos ofereceram saqué, uma excelente aguardente que eles fazem do arroz. O pior foi depois... O chefe da aldeia quis ver uma demonstração de luta entre o melhor guerreiro deles e o nosso. Fiquei aterrorizado. Seria uma luta de demonstração, mas e se fosse uma tradição qualquer deles ser um combate até à morte? Nós quase que não nos entendíamos, como podíamos ter a certeza que era apenas uma demonstração? E o pior é que o nosso melhor lutador era o meu filho, que sempre teve uma destreza impressionante com a espada. Mas jamais iria colocar o meu filho numa situação de incerteza como aquela. Nem o meu filho, nem homem nenhum debaixo das minhas ordens.

- E quem foi? – perguntou o jovem Luís, que ouvia a história entusiasmado.

- Fui eu! Quem havia de ser? O meu filho era o melhor, mas eu era logo a seguir, aliás, nos nossos treinos sou o único que o consegue vencer, mas tenho de me aplicar ao máximo e trazer toda a ex-

periência de uma vida à tona – respondeu o Mestre.

– E como correu o combate? Quem venceu? – perguntou o jovem, radiante.

– Após uma grande vénia feita por ele, que eu imitei, ficámos algum tempo a estudarmo-nos um ao outro. Eu, elmo na cabeça com muito pouca visibilidade, com uma armadura que dificulta muito os movimentos, escudo na mão esquerda e a minha fiel espada na direita. Ele, com uma armadura que lhe tapava todo o corpo, pintada de vermelho sangue, aparentando uma figura acabada de sair das trevas. Tinha uma espada em cada uma das mãos. Na direita, uma com cerca de dois palmos, na outra, uma com cerca de três. Nunca tinha tido tanto receio na minha vida como naquele momento. Enquanto nos estudávamos mutuamente, olhei para os meus homens e vi a preocupação estampada nos rostos deles. O meu filho, Santiago, não tirava os olhos do chão.

– Olha! Parou de chover – interrompeu o Mestre a sua história, que estava sendo atentamente seguida pelos três homens.

Luís, há já muito se tinha esquecido que estavam debaixo de uma forte chuvada.

- Como foi o combate? – insistiu Luís.

- Já continuo. Vamos desamarrear os cavalos e por-mo-nos a caminho. O dia corre já para o fim – respondeu o Mestre.

Quase como uma criança amuada, o jovem Luís Passanha lá seguiu as ordens do Mestre e preparou-se para dar continuidade à viagem. Desamarrou os cavalos que estavam a seu cargo e seguiram caminho. Mal tinha entrado no povoado, começou novamente a cair uma forte chuvada. Mais à frente, um homem à porta do que parecia ser uma taberna, fez sinal com o braço para eles irem até junto dele. Abriu de par a par um grande portão ao lado da taberna, que dava para um quintal. Lá dentro viram que tinham um amplo alpendre com feno e palha seca para os animais. Deixaram os cavalos e passaram por uma pequena porta que ligava o quintal ao interior da taberna.

- Boa tarde – disse Mestre João, após estar no interior. Todos os presentes retribuíram o cumprimento.

– Obrigado. Ainda agora tinha parado a chuva, mas acabou por dar pouco tempo de tréguas – disse o Mestre.

– São trovoadas. maré da Feira de Ferreira, maré de chuva – respondeu o homem.

Olhando na direção da rua, a taberna era comprida. O balcão era de madeira e corria até à parede exterior, cobria mais de dois terços da casa, e a rua passava lá fora três degraus abaixo. Do lado oposto, várias mesas e cadeiras acompanhavam o balcão deixando no meio um corredor a toda a longitude da taberna. Ao fundo, pela zona onde tinham entrado vindos do quintal, uma boa lareira emanava luz e calor. Ao centro do lume estava um pequeno monte de cinza. Atrás do balcão, uma mulher vestida de negro servia os clientes.

– Sequem-se e aqueçam-se! Querem um gole de tinto? – perguntou o homem que lhes tinha aberto o portão.

Os quatro homens chegaram-se ao lume. O Mestre tirou a capa encharcada e pendurou-a nas costas de uma cadeira, virando-a para o fogo com o intuito de esta secar. A mulher encheu quatro cane-

cas de vinho tinto e colocou dois marmelos e duas facas em cima do balcão. De uma mesa, um homem gritou:

– Ó António! Já devem estar boas, não?

António, o homem que os tinha convidado a entrar, pegou num ferro e desmanchou o monte de cinza que estava na lareira, e do seu interior saíram bolotas assadas. O homem, com o ferro, afastou-as do lume a fim de estas arrefecerem. Enquanto isso, a mulher cortava umas fatias de pão que colocou também em cima do balcão.

– Está um dia terrível. Se querem pernoitar cá, a minha mãe tem uma pequena estalagem aqui na aldeia, perto da capela. Está ainda fechada, mas podem lá ficar – disse António.

– Obrigado – respondeu o Mestre.

– Estou a contar passar a noite em Santa Margarida do Sádão. Aqueles cavalos que estão no quintal têm de estar no barco amanhã ao nascer do sol – completou Mestre João.

– Então ao menos provem o vinho e aqueçam o estômago com uma bolota assada! São muito boas – insistiu António.

Avançaram os quatro para junto do balcão. Luís agarrou numa bolota para a descascar, mas mais depressa a largou após queimar as mãos. Mestre João nunca tinha provado tal fruto mas, para não fazer desfeita, agarrou também ele numa bolota e dentro das duas mãos em concha, fazia-a chocalhar a fim de esta arrefecer. Tirou a casca e o fruto dividiu-se em duas metades separadas ao alto. Colocou uma das metades entre os dentes e, receoso, partiu um pouco para provar. Afinal era bom. Diferente das castanhas, tinha uma espécie de gordura própria, parecendo até que estava ligeiramente frita e succulenta. Bebeu um trago de vinho e mastigou juntamente um pouco de pão. Adorou a combinação dos sabores.

Quando o Mestre viu que não podiam estar ali mais tempo pagou e agradeceu, deixando uma gorjeta pela hospitalidade. Nem parecia o mesmo povo que o tinha recebido na tarde em que tinha chegado e em que teve de pernoitar ao relento. Talvez o facto de terem percebido que o cavaleiro não vinha em missão de visitação tivesse ajudado. Pegaram nos cavalos e partiram. Faltavam cerca de duas léguas de viagem. Iriam chegar muito perto do anoitecer.

Ainda mal tinham saído da aldeia, já Luís perguntava:

- E o combate com o guerreiro? Como foi?

Mestre João, vendo o entusiasmo curioso do jovem, deixou escapar uma gargalhada.

- Onde foi que eu tinha ficado? – perguntou o Mestre.

- Na parte em que ia começar a combater! – respondeu um dos trabalhadores que vinha atrás, igualmente entusiasmado.

- Pois... Estávamos-nos a observar mutuamente quando o silêncio foi interrompido por um grito dele, que arrancou furioso em minha direção. Eu, deparando-me com aquele repentino ataque, usei o meu escudo, protegendo o meu lado esquerdo. Com a espada, aparava um e outro golpe que por ele eram desferidos. Contra-ataquei apenas com um golpe de baixo para cima, que foi facilmente por ele defendido. O ataque terminou. Voltámos às posições iniciais mas, em pouco tempo, um novo ataque surgia. Mais uma vez apenas defendi, procurando uma distração, um ponto fraco, mas nada... Restava-me apenas defender até não ter forças. Não tinha

qualquer hipótese de vencer aquele homem. O ataque parou novamente. Enquanto recuperava o fôlego, olhava para o meu adversário, que dos seus olhos lançava lâminas de raiva que quase me trespassavam. Caminhávamos de lado, em círculo, mantendo a distância entre nós. Eu já estava um pouco cansado. Os vinte anos de idade já estavam longe e adicionando os nervos da situação em que me encontrava, acabei ofegante e com um ligeiro tremedouro nas pernas. Agarrei firmemente no escudo com a mão esquerda, apoiando todo o braço nele, já a preparar-me para o próximo ataque que não devia tardar. Nunca tinha estado numa situação parecida com aquela. Senti, com certeza, o que sentiam os gladiadores nas arenas romanas. Um grito agudo interrompeu-me o pensamento. Mais um ataque. Fleti as pernas, apoiei o escudo no meu joelho esquerdo e no ombro do mesmo lado e esperei. Quando o guerreiro nipónico chegou ao meu alcance, saltei em sua direção com todas as minhas forças, dando-lhe um encontrão pelo qual ele não esperava e atingindo-o com imensa potência no peito e na cabeça. A força do impacto

fê-lo cair desamparado no chão. A sua mão direita, na ânsia de amparar a queda, largou a espada ficando apenas com a mão esquerda a segurar na outra arma. Apressei-me a pisar-lhe com força o pulso de modo a imobilizar-lhe o braço e coloquei a minha espada encostada ao seu pescoço, entre o elmo e a armadura peitoral. O guerreiro ficou inerte olhando para mim, com um misto de raiva e surpresa no olhar. Largou a espada como sinal de rendição. Eu tinha vencido um combate impossível de ganhar. Perante um guerreiro muito superior a mim, acabei por usar o meu escudo para defender e atacar, mas foi o fator surpresa que me levou à vitória. Os meus homens saltavam e aplaudiam de alegria, mas depressa foram interrompidos pelo grito do líder nipónico. O homem estava de pé, irritado, e gesticulava na minha direção. Passava com a sua mão no pescoço ordenando a degolação do pobre homem no chão à minha mercê. Embainhei a espada, tirei o meu elmo, dei dois ou três passos atrás e fiz-lhe uma vénia. O líder nipónico repetia o gesto furioso e os outros guerreiros, impávidos e serenos, apenas observavam como se aquilo fosse uma situação normal. O

homem derrotado ergueu-se. Tirou o seu elmo, agarrou na folha da sua espada e ajoelhou-se perante mim, oferecendo a arma para eu o degolar.

– Matou-o? – perguntou Luís Passanha.

– Fiquei numa situação muito complicada. Receava desrespeitar as tradições daquele povo, sem saber que consequência traria para nós. Por outro lado, era incapaz de executar um homem indefeso ajoelhado à minha frente. Agarrei-o por baixo do braço e ajudei-o a levantar, depois coloquei-lhe o meu braço esquerdo nas suas costas e fizemos uma longa vénia ao seu líder. O homem finalmente calou-se e, ainda com olhar furioso, fitava-nos sem dizer nada. O silêncio interrompeu-se quando os meus homens começaram a bater palmas, aplauso esse, que muito lentamente se estendeu aos japoneses e, por último, ao seu líder que sorrindo, retribuiu a vénia.

Pedimos o que era necessário para reparar as naus, e depois destas estarem outra vez prontas a navegar, partimos com a promessa de um regresso breve. Oferecemos uma espingarda ao líder da ilha e ensinámo-lo a utilizá-la. O homem ficou espantado

com o artefacto, agradecendo bastante. Partimos depois para Macau e levámos mais uma boa história para contar.

- E o guerreiro japonês? – perguntou Luís.

- Não voltei a vê-lo. Espero que não o tenham castigado, ou pior ainda.

- E fez outras viagens?

- Fiz duas ao Brasil e uma à Índia – respondeu o Mestre.

- Quer dizer então que o seu filho também é cavaleiro na Ordem? – perguntou novamente Luís.

- Sim. Ingressou ainda muito novo na Ordem. Ocupa hoje o lugar que era meu. Os anos não perdoam... – respondeu o Mestre.

- E tem mais filhos? – continuou Luís a perguntar.

Mas, após aquela última questão, algo mudou. A cara de Mestre João da Piedade fechou-se. Sem responder a Luís, continuou a olhar em frente para o caminho que estava perto do seu fim. Luís Passanha apercebeu-se que a pergunta tinha sido incómoda. Calou-se também. Passado algum tempo, o Mestre finalmente respondeu: